

O atendimento educacional especializado para alunos com surdocegueira e deficiência múltipla

Denise Cintra Villas Boas
Shirley Rodrigues Maia

Como citar: BOAS, D. C. V.; MAIA, S. R. O atendimento educacional especializado para alunos com surdocegueira e deficiência múltipla. *In:* MARTINS, S. E. S. O.; GIROTO, C. R. M.; SOUZA, C. B. G. (org.). **Diferentes olhares sobre a inclusão**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 123-138. DOI: <https://doi.org/10.36311/2013.978-85-7983-395-3.p123-138>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição- NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CAPÍTULO 8

O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM SURDOCEGUEIRA E DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA

Denise Cintra Villas Boas

Shirley Rodrigues Maia

INTRODUÇÃO

Este texto¹ pretende apresentar, de forma esclarecedora e objetiva, a surdocegueira, a deficiência múltipla e as formas de atuação do professor em sala de aula.

De acordo com o Grupo Brasil (2005, p.2), a surdocegueira

[...] é uma deficiência singular que apresenta perdas auditivas e visuais concomitantemente em diferentes graus, levando a pessoa com surdocegueira a desenvolver diferentes formas de comunicação para entender e interagir com as pessoas e o meio ambiente, para ter acesso a informações, uma vida social com qualidade, orientação, mobilidade, educação e trabalho [...].

¹ Este texto contou com a colaboração da Equipe da AHIMSA - Associação Educacional para Múltipla Deficiência.

A pessoa com surdocegueira é um indivíduo com privações multissensoriais e apresenta uma deficiência pouco compreendida. Não é um indivíduo cego que não consegue ouvir ou um surdo que não consegue enxergar (MCINNES; TREFFRY, 1982).

Deve-se lembrar que nem todo aluno com surdocegueira possui cegueira total e surdez total. Existem alunos que possuem resíduos visuais e/ou auditivos, o que auxiliam muito na interação com o meio ambiente e com as pessoas.

Para McInnes (1999), a surdocegueira é relatada como uma deficiência única e apresenta subdivisão dos indivíduos em quatro categorias:

- Pessoas que eram cegas e se tornaram surdas;
- Pessoas que eram surdas e se tornaram cegas;
- Pessoas que se tornaram surdas e cegas, em decorrência de doenças ou acidentes, após a aquisição de linguagem básica e a formação de conceitos;
- Pessoas que nasceram ou adquiriram surdocegueira precocemente.

Para reforçar a combinação concomitante das perdas auditiva e visual na surdocegueira, foi sugerida por Lagati (2002) a utilização da palavra “surdocego”, sem o uso de hífen, no caso “surdo-cego”, pois a surdocegueira, por ser uma deficiência única e específica, apresenta outras questões e dificuldades além da surdez e da cegueira.

Esse autor considera que

[...] surdocegueira é uma condição que apresenta outras dificuldades além daquelas causadas pela cegueira e pela surdez. O termo hifenizado indica uma condição que somaria as dificuldades da surdez e da cegueira. A palavra sem hífen indicaria uma diferença, uma condição única e o impacto da perda dupla é multiplicativo e não aditivo[...]. (LAGATI, 2002. p.2).

Com relação às deficiências múltiplas, o Decreto Federal 5.296/04 as define como uma “associação de duas ou mais deficiências”.

De acordo com MEC/SEESP (2006, p.13),

o termo deficiência múltipla tem sido utilizado, com frequência, para caracterizar o conjunto de duas ou mais deficiências associadas, de ordem

física, sensorial, mental, emocional ou de comportamento social. No entanto, não é o somatório dessas alterações que caracterizam a múltipla deficiência, mas sim o nível de desenvolvimento, as possibilidades funcionais, de comunicação, interação social e de aprendizagem que determinam as necessidades educacionais dessas pessoas.

ASPECTOS IMPORTANTES PARA A EDUCAÇÃO DA PESSOA COM SURDOCEGUEIRA²

Nem todas as pessoas aprendem da mesma forma. No caso da criança com surdocegueira, é muito importante saber de que forma ela processa a informação que recebe e o tempo de que necessita para dar uma resposta. Isso envolve saber como a criança ou o adulto com surdocegueira utiliza seus resíduos visuais e auditivos, favorecendo assim o professor a desenvolver o trabalho educacional e, também, a orientá-lo em como organizar o ambiente para realização das atividades educacionais.

Para saber como seu aluno aprende, é necessário:

- Considerar a personalidade da criança, pois algumas crianças com surdocegueira são mais inibidas e passivas e outras são mais ativas, dependendo igualmente do que ocasionou a surdocegueira. Esses comportamentos podem ser influenciados pelos valores culturais que fazem parte de seu ambiente familiar, pelos problemas que têm de saúde e/ou de influência de situações genéticas ou congênitas;

- Construir o inventário ecológico do aluno, visitando sua casa e sua comunidade, para saber do que o aluno precisa;

- Registrar no inventário é importante para ajudar na elaboração de estratégias e ter um instrumento para acompanhamento do programa, pois este irá auxiliar na organização das estratégias em colaboração com a família, além de servir para avaliação do próximo passo ou no caso da transição de idades de criança para jovens, de jovens para adultos;

- Outros aspectos importantes são as preocupações da família e suas prioridades. Quais são as recomendações dos profissionais que trabalham com esse aluno para orientar a família e realizar um trabalho em conjunto, principalmente, no que se refere à comunicação e o desenvolvimento da linguagem.

² Anotações realizadas durante Curso de Deficiência Múltipla, em 2008, ministrado pelas professoras Isabel Amaral e Clarisse Nunes – Projeto Hilton Perkins.

Assim, também é fundamental levantar o repertório de comunicação da pessoa com deficiência.

O que considerar para o processo de aprendizagem do aluno com surdocegueira:

a) Como o aluno interage com o seu ambiente:

- Quais as estratégias que o aluno usa para explorar seu ambiente;
- Que tipo de objeto observa e explora;
- Que reações manifesta;
- Que tipo de curiosidade tem;
- Como é que o aluno comunica vontades, desejos e necessidades;
- Se apresentar problemas motores, como interage no ambiente;
- Como a família favorece a interação dele, no ambiente domiciliar e na comunidade;
- Se o aluno tem algum comportamento que interfira com a aprendizagem (descrever o comportamento). Quando e o que ocorre? Com que frequência? O que o aluno obtém com esse comportamento?
- Que tipo de atitude positiva é mais eficiente para esse aluno (como por exemplo: sono, comida, brinquedo preferido, luz, música, toque, movimento vestibular, girar, pular);
- Como o aluno reage aos recursos: óculos, cadeira de rodas, aparelho auditivo, andador, entre outros.

b) Como o aluno recebe e processa informações:

- Quais são as melhores condições para o aluno aprender? Período de maior atenção (manhã, tarde);
- Como o aluno processa a informação e qual é seu sentido de preferência – tátil, auditivo, olfativo, visual e cinestésico ou combinação de dois ou mais sentidos;
- O tempo de processamento de informação do aluno em diferentes situações;

- Como o aluno responde, em ambientes familiares e ambientes desconhecidos, e de quanto tempo precisa para se adaptar aos novos ambientes;

- A generalização de habilidades pode ser muito difícil para alguns alunos. Nesse sentido, é importante conhecer se o aluno é capaz de generalizar habilidades em novas situações e com novos objetos.

- Quais os posicionamentos que ajudam a pessoa com deficiência a ser mais eficaz na realização das atividades específicas. Esses posicionamentos devem ser alterados? Existem algumas posições que devem ser evitadas? Quais?

- Condições do ambiente: há iluminação adequada, referências que antecipam uma rota ou pistas que favorecem o aprendizado do dia-a-dia.

c) Como é a atenção do aluno:

- Quando está atento, responde? Em que condições, com quem e em que atividades? Por quanto tempo consegue prestar atenção nessa tarefa? Fica atento num único tipo de atividade? Em que período do dia se mostra mais atento? Com as condições de luz? Quais características sensoriais da atividade o aluno elege?

- Como se consegue ter melhor a atenção do aluno: contato visual, gestos, sons, tato, fala, ajuda física ou a combinação de alguns desses itens?

- O aluno se distrai com: sons que ocorrem à sua volta, a intensidade da iluminação, a disposição do espaço em que se desenvolve a atividade, com estímulos visuais, auditivos, táteis ou do excesso desses estímulos? Em que situações isso acontece?

- Nesses casos, como retomar a sua atenção para o que estava fazendo?

- Como o aluno usa a visão e ou audição, em diferentes situações e atividades?

d) Que tipo de ajuda é mais eficaz para o aluno:

- Para aprender um novo comportamento ou na mudança de atividades precisa de recursos: táteis, visuais, gestuais, auditivas, fala e outros.

Segundo Miles (1998, p. 3),

[...] uma pessoa que não possa ver ou ouvir ou quem tem um resíduo destes sentidos, deve receber alguma forma de compensar a falta de informações que estes sentidos habitualmente fornecem. Nas palavras de Harlan Lane, deve dar à pessoa um “estímulo de modulação apropriada”.

O mesmo autor comenta ainda que, com muita frequência, as mãos de uma pessoa com surdocegueira têm que assumir um papel adicional: elas, por exemplo, além de ser usadas como ferramentas (como para todo mundo que faz uso das mãos), assumem a função dos órgãos sensoriais (são utilizadas para compensar sua deficiência de visão e audição) e precisam igualmente se tornar a voz, ou o primeiro meio de expressão de forma primária.

A língua dos sinais e gestos são, com frequência, a principal via de comunicação expressiva de pessoas com surdocegueira, mas, para tanto, as tarefas das mãos devem ser refinadas numa forma especial, capazes de expressar coisas tais como: tom, nuance de sentimento, ênfase de significado e, adicionalmente, capazes de formar palavras.

Como as mãos de uma pessoa com surdocegueira são tão importantes, ao funcionarem como ferramentas, órgãos sensoriais e voz, é crucial que professores, pais, e amigos das pessoas com surdocegueira fiquem especialmente sensíveis a elas (mãos).

Familiares, professores e amigos devem aprender a ler as mãos das pessoas com surdocegueira e a interagir com estas, de maneira que assegurem o seu melhor desenvolvimento e comunicação. Devem aprender como apresentar informações que sejam acessíveis às mãos, pois esta é, com frequência, a forma como a pessoa com surdocegueira receberá a informação.

Os familiares e profissionais devem “falar a linguagem das mãos para as mãos”, e “ler a linguagem das mãos pelas mãos”.

Para realizar adequadamente essas funções, é importante compreender qual o papel das mãos e como elas exercem seu papel no desenvolvimento típico das pessoas e, nesse caso, no desenvolvimento das pessoas com deficiências visuais e das pessoas com deficiências auditivas e surdez.

Tal compreensão ajudará os professores, pais e amigos a interagir do modo mais adequado possível, para facilitar o desenvolvimento das mãos de pessoas com surdocegueira.

Mão sobre mão: a mão do professor é colocada em cima da mão do aluno, de forma a orientar o seu movimento, o professor tem o controle da situação.

Mão sob mão: a mão do professor é colocada em baixo da mão do aluno, de modo a orientar o seu movimento, mas não a controla, convida a pessoa com deficiência a explorar com segurança.

Quais são as considerações para realizar o planeamento da intervenção?



Fonte: Maia (2009). Curso de Formação de Equipes Colaborativas- Projeto Ahimsa/Perkins Lavelle.

O professor e a família são os principais implementadores da educação dos indivíduos com deficiência. A família é parte integrante da equipe e deve ser a mais ativa possível, no processo educativo. Eles não se sentirão sós, quando todos os elementos da equipe escolar partilham desse processo educacional.

A pessoa com deficiência aprende mais eficazmente, quando a aprendizagem é integrada nas atividades de vida diária. O sucesso nessa aprendizagem depende da parceria entre professor e a família, por isso, é imprescindível a sua colaboração e de profissionais das diversas áreas, em uma abordagem colaborativa e funcional.

Por abordagem colaborativa³, entendemos que

[...] é ligada a uma programação educacional de pessoas com deficiência múltipla sensorial e surdocegueira. Ela centra suas ações nas necessidades e nos valores das famílias e da pessoa com deficiência, visando qualidade de vida. (NUNES, 2008).

Por abordagem funcional, compreendemos que se centra nas necessidades atuais e futuras das pessoas com surdocegueira e deficiência múltipla sensorial, objetivando autonomia e independência nas realizações das atividades no dia-a-dia (AHIMSA, 2004).

O professor e a família devem procurar oferecer condições para que a pessoa com deficiência seja o mais independente possível, nos ambientes onde se encontra inserida. Para algumas pessoas com deficiência, isso só é viável com o auxílio de equipamentos específicos. Exemplo: cadeira de rodas, sistemas alternativos de comunicação e outros. É, também, necessária muita criatividade e tolerância para ensinar-lhes as atividades de vida diária, mesmo que seja uma pequena parte destas.

O professor precisa criar oportunidades de sucesso para o aluno, evitando situações de frustração. É muito importante que o aluno consiga completar a atividade segundo suas possibilidades.

De acordo com Jong e Zambone (1997), o currículo deve ser individualizado para cada aluno e, portanto, baseado em seus interesses particulares e preferências, acomodando capacidades e necessidades individuais.

³ Anotações realizadas durante Curso de Deficiência Múltipla, em 2008, ministrado pelas professoras Isabel Amaral e Clarisse Nunes – Projeto Hilton Perkins.

1) O professor deverá:

- Ter consciência da individualidade da pessoa com deficiência, proporcionando a ela que participe, dentro das suas possibilidades de entendimento, da discussão sobre assuntos relacionados à sua educação;
- Oferecer à pessoa com deficiência oportunidades de experienciar alguns riscos naturais, deixando-a fazer coisas por si própria;
- Selecionar materiais e atividades adequadas à idade cronológica da pessoa com deficiência, mesmo que esta funcione em níveis mais elementares, em termos de desenvolvimento;
- Ter uma visão positiva sobre a educação das pessoas surdocegas e múltiplas deficientes sensoriais;
- Esclarecer o aluno quando uma atitude ou uma tarefa não é adequada. Colocar limites é prepará-lo para a vida social. Nesse sentido, é relevante elogiá-lo, quando realiza as atividades propostas com êxito.

2) Ambiente de aprendizagem

- O professor deve proporcionar um ambiente no qual o aluno possa ser ativo, promovendo o seu aprendizado, ou seja, ambientes que convidem e instiguem respostas;
- Que envolva o aluno numa aprendizagem ativa, levando-o a ter controle sobre seu ambiente e que possa começar a se interessar pelo mundo a sua volta;
- Em uma abordagem multissensorial, na qual todos os sentidos deverão ser estimulados, de uma forma que incorporem uma intervenção integrada, encorajando a pessoa com deficiência a explorar o mundo a sua volta;
- Que priorize habilidades funcionais. Estas são fundamentais para alunos com surdocegueira, dada a idade e as dificuldades que podem apresentar, na generalização de comportamentos. Quanto mais funcional for o programa, maiores serão as possibilidades de êxito do aluno, pois mais facilmente compreenderá o seu significado. As habilidades funcionais devem ser ensinadas em situações naturais e contextualizadas;

- Que proponha experiências concretas que permitam ao aluno ter sucesso, devendo as atividades ser adequadas as suas capacidades e interesse. Para tanto, utilizar objetos reais para compreender os conceitos básicos, fundamentados em fatos reais e significativos para o aluno; posteriormente, poderão ser utilizadas representações mais simbólicas, quando houver possibilidades;

- Que considere o tempo necessário para realização das experiências. É necessário repetir várias vezes, para possibilitar a compreensão e retenção da informação. É a memória que nos possibilita imaginar que podemos voltar a fazer a mesma coisa várias vezes. Devido a isso, as experiências devem ser significativas, em quantidade suficiente para que o aluno tenha oportunidade de praticá-las.

3) Criar um ambiente que estimule o desenvolvimento do aluno.

- A estruturação de um ambiente físico, de modo que o aluno possa desenvolver todo o seu potencial, é importante. Ao preparar um espaço, considere fatores como: iluminação, acústica, disposição física de materiais e equipamentos. Alguns alunos necessitam de previsibilidade nas suas rotinas para compreender o mundo.

- É essencial preparar uma rotina, na qual as expectativas sejam claras e consistentes, mas também é necessário que sejam flexíveis e aprendam a adaptar-se às mudanças que ocorrem no mundo.

4) Centrar-se nos interesses do aluno

- Por meio da observação, o professor poderá conhecer as preferências e interesses particulares de seu aluno, em diferentes atividades, e suas preferências por determinados objetos, de sorte a estruturar o seu dia-a-dia, selecionar o vocabulário, reforçar e compreender o que o aluno quer;

- Respeitar o tempo do aluno na elaboração de suas respostas; no processo de focalizar sua atenção e de explorar os materiais, somente depois da exploração do aluno é que o professor irá explicar como será

desenvolvida a atividade. Os alunos precisam de tempo para dar sentido ao que acontece a sua volta. As mudanças de materiais e recursos, a alteração da sequência das atividades e da rotina diária, a reorganização da disposição de mobiliário são ações que devem ser realizadas gradualmente, para que o aluno não fique confuso.

5) Conhecer a história médica do aluno

- É importante ter acesso às informações e recomendações médicas, antes de começar a intervenção com o aluno. As informações poderão contribuir com a elaboração do programa de ensino para o aluno.

6) Adaptações necessárias

- Conhecer as necessidades físicas do aluno é um trabalho essencial. O aluno com surdocegueira que apresenta dificuldades no desenvolvimento motor e cognitivo tem afetada diretamente a sua capacidade para explorar o ambiente. O professor poderá fazer adaptações nos objetos, brinquedos, para que o aluno tenha acesso.

ÁREAS ENFATIZADAS NO TRABALHO PEDAGÓGICO

ATIVIDADES DE VIDA AUTÔNOMA E SOCIAL (AVAS)

As Atividades de Vida Autônoma e Social (AVAS) são atividades funcionais que auxiliarão o aluno com surdocegueira ou com deficiência múltipla sensorial a alcançar a maior independência possível, nos diferentes meios em que vive. As AVAS serão trabalhadas no currículo funcional, com o objetivo de desenvolver as habilidades e capacidades de tais alunos.

Jong e Zambone (1997) editaram *Currículos do Modelo Funcional ICEVI – Bartimeus* para pessoas com deficiências e jovens com múltiplas deficiências, em parceria com uma equipe de profissionais. Nessa publicação, listaram, como exemplo, 50 atividades funcionais que podem fazer parte de um currículo funcional. Essas atividades estão divididas em cinco áreas funcionais, a saber:

Área de autoajuda: habilidades para comer e beber, tomar banho, cuidados pessoais, vestir-se e usar o vaso sanitário;

Área comunitária: fazendo compras, participando de festivais e eventos especiais e utilizando instalações comunitárias;

Áreas escolares/vocacional: frequentando a escola local e atividades vocacionais;

Área de recreação e lazer: inclui atividades desde o brincar e ouvir música sozinha, até o ir ao cinema ou piscina pública, entre outras;

Área doméstica: inclui atividades como: cuidados com animais domésticos, organizar a casa e cuidados de jardinagem, entre outras.

Autores como Wiley (2001), Hatlen (2004), Lavigne e Moss (2006) e profissionais que trabalham com educação de pessoas com surdocegueira, deficiência múltipla sensorial e deficiência visual destacam a importância das atividades de vida autônoma e social para o desenvolvimento e autonomia dessas pessoas, principalmente na idade adulta. Nessa fase da vida, é oportuno que esses indivíduos possam fazer escolhas sobre as atividades que querem desenvolver em seu cotidiano. Esse processo é uma aprendizagem que deve ocorrer ao longo de sua infância e adolescência.

Hatlen (2004 apud LAVIGNE; MOSS, 2006, p. 1) define as atividades de vida autônoma e social (AVAS) também nomeadas como atividades de vida independente:

Todas as tarefas e funções que as pessoas realizam, de acordo com sua capacidade, com a finalidade de viver da forma mais independente possível. Essas necessidades curriculares são variadas, e incluem habilidades de higiene pessoal, preparação de alimentos, administração do dinheiro, verificação do tempo, organização, etc.

De acordo com o MEC/SEESP (2006), as orientações sobre atividades de vida autônoma e social para educadores de pessoas deficientes visuais são:

Proporcionar oportunidades educativas funcionais que habilitem o aluno com deficiência visual a desenvolver, de forma independente, seu auto-cuidado e demais tarefas no ambiente doméstico, promovendo seu bem-estar social, na escola e na comunidade. (BRASIL, 2006, p. 86).

Seus objetivos específicos, conforme o MEC/SEESP (BRASIL, 2006, p. 86-87), são:

- Favorecer a aquisição de hábitos salútares na alimentação, na higiene, na saúde e no vestuário;
- Observar as formas que o aluno utiliza para perceber e interagir com o meio, ampliando-as e enriquecendo-as;
- Proporcionar ao aluno segurança e confiança pela utilização integrada dos sentidos remanescentes;
- Favorecer a aquisição de conceitos e pistas espaço-temporais e relações causais, para o domínio e a organização do meio;
- Estimular atitudes, habilidades e técnicas para o desenvolvimento de atividades na vida prática;
- Estabelecer rotina diária na manutenção, ordem e limpeza da casa, escola ou escritório;
- Orientar quanto a posturas, gestos e comunicação social;
- Desenvolver habilidades da vida doméstica: culinária, jardinagem, domínio de equipamentos, artesanato, pequenos consertos, atividades artísticas etc.;
- Orientar quanto à adequação social, etiquetas, boas maneiras no trato diário em restaurantes, festas, eventos públicos e outros;
- Propiciar vivências em atividades esportivas, lúdicas e recreativas.

As pessoas com deficiências que não apresentam deficiências sensoriais, mais precisamente deficiência visual (cegueira ou baixa visão), irão aprender de forma natural, por meio da observação do seu ambiente, da imitação procedimentos e comportamentos. Por outro lado, uma pessoa com deficiência, no caso, uma pessoa que nasce com uma deficiência visual, não terá essa oportunidade de observação do seu meio. Essa pessoa apresentará dificuldades em aprender, de maneira natural, atividades simples como se alimentar em uma mesa com garfo e faca, pentear os cabelos, vestir-se de maneira adequada, comportar-se adequadamente em ambientes variados e demais atividades de seu cotidiano.

As dificuldades serão maiores para uma pessoa com surdocegueira, por apresentar perda de visão e audição concomitantes, já que não poderá seguir as orientações auditivas dadas por outros, assim como para a pessoa com deficiência múltipla sensorial, que apresenta grandes dificuldades para interagir com o seu meio.

ÁREA DE RECREAÇÃO E LAZER

É importante desenvolver atividades na comunidade escolar e na comunidade em geral, como participação em parques, praças, *playground*, entre outros.

Pode-se trabalhar com as famílias atividades tais como: contar histórias ou adaptar jogos para a pessoa com surdocegueira e/ou com deficiência múltipla.

FUNÇÕES SOCIAIS DA LEITURA E ESCRITA

- Adquirir e transmitir conhecimentos e informações: livros, jornais, rótulos no ambiente, sinais nas ruas, anúncios, revistas, entre outros;

- Organizar e apoiar o desenvolvimento da memória, como, por exemplo: calendário, lista de compras, etiquetas diários;

- Ingressar no mundo da fantasia por meio de novelas, revistas, histórias, entre outros;

- Expressão Pessoal: registros, diários, poesias. Diversão: jogos e computadores, revista, mensagem de texto, entre outros;

Solução de problemas ou planejamento, como, por exemplo: fluxograma e problemas matemáticos;

- Negociações Financeiras: dinheiro, bilhetes, cheques, entre outros;

- Criar e manter relações: carta, mensagem pelo correio ou via internet;

- Controlar emoções como, por exemplo: ler mensagens de autoajuda;

- Transmitir e entender instruções: receitas, mapas, entre outros;

- Entender anúncios: anúncios de filmes, produtos de supermercado, entre outros.

- Divulgação de serviços para vendas de produtos, como, por exemplo: jornais de supermercado;

- Assinalar lugares e coisas, como placas de ruas, pacotes, entre outros;

- Dar e receber inspiração, por exemplo: ouvir mensagens, ler cartões de mensagens e frases célebres.

CONDIÇÕES NECESSÁRIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ALFABETIZAÇÃO DE PESSOAS COM SURDOCEGUEIRA

- Oportunidades para observar e participar de todas as atividades da vida diária;
- Oportunidade para desenvolver diferentes formas de comunicação;
- Conhecimento de diferentes ambientes;
- Diferentes parceiros de comunicação;
- Participação em programas sociais.

Dada a especificidade do trabalho com alunos com surdocegueira e deficiência múltipla, é essencial a atuação do professor em parceria com familiares e demais profissionais envolvidos. Tal atuação visa a desenvolver as habilidades, potencialidades e independência para uma melhor qualidade de vida.

Com o presente texto, espera-se ter contribuído com orientações para que os alunos com surdocegueira e/ou com deficiência múltipla tenham suas necessidades apoiadas e adequadas.

REFERÊNCIAS

- AHIMSA – Associação Educacional para Múltipla Deficiência. *Curso Currículo Funcional da Prefeitura de São Bernardo do Campo para profissionais da rede de Educação Especial*. 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Educação Infantil. Saberes e práticas da inclusão. Dificuldades Acentuadas de Aprendizagem. Deficiência Múltipla*. Brasília: MEC/SEESP, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/deficienciamultipla.pdf>. Acesso em: 04 de out. de 2011.
- GRUPO BRASIL de Apoio ao Surdocego e ao múltiplo deficiente sensorial. *Síndrome de Usber*. São Paulo, 2005 (Série: Surdocegueira e deficiência múltipla sensorial) - folder.
- HATLEN, P. *El impacto de la alfabetización em el currículum central expandido*. 2004. Disponível em: <http://www.tsbvi.edu/seehear/spring04/impact-span.htm>. Acesso em: 08 de ag. de 2011.
- JONG, C.G.A.; ZAMBONE, A.M. *Currículos do modelo funcional ICEVI – BARTIMEUS para crianças e jovens com múltipla deficiência*. 1997. Tradução: Marcus Vinícius Degani Góes. Projeto Horizonte – Ahimsa/Hilton Perkins. São Paulo: ICEVI, jun/2001.
- LAGATI S. “Deaf-Blind” or “Deafblind” International Perspectives on Terminology. *Journal of Visual Impairment & Blindness*. 1995 May-Jun. Tradução Laura Lebre Ancilotto – Projeto Ahimsa/Hilton Perkins, 2002. Disponível em: http://www.ahimsa.org.br/centro_de_recursos/projeto_horizonte/SURDOCEGO_OU_SURDO_CEGO.pdf. Acesso em: 10 de set. 2011.
- LAVIGNE, E., MOSS, K. *Se requiere un equipo para enseñar habilidades de vida independiente*. 2006. Disponível em: <http://www.tsbvi.edu/seehear/fall06/team-span.htm>. Acesso em: 5 jul. de 2011.
- McINNES, J., TREFFRY, J.J. *Deaf-Blind infants and children: a developmental guide*. Toronto: University of Toronto Press, 1982.
- McINNES J.M. Deafblindness: a unique disability. In: McINNES J.M. *A guide to planning and support for individuals who are deafblind*. Canadá: University of Toronto Press Incorporated. 1999. p. 03-32.
- MILES B. Falar a linguagem das mãos para as mãos. Projeto Horizonte. Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para Cegos, Watertown, Mass. USA, 1998. Tradução Márcia Maurílio de Souza - ABRAPASCEM, Nairo Garcia Pinheiro - AHIMSA, Projeto Hilton Perkins - AHIMSA-2000.
- WILEY, D. *Planear y apoyar una vida más activa em casa*. 2001. Disponível em: <http://www.tsbvi.edu/seehear/fall01/planning-span.htm>. Acesso em: 20 set. de 2011.